

Amigas e irmãs: os diálogos entre a Antropologia do Esporte e a História do Esporte^{1,2}

Victor Andrade de Melo

Introdução

No Brasil, ainda que estudos históricos sobre os esportes e as diferentes práticas corporais institucionalizadas sejam realizados desde o século XIX, foi a partir dos anos 1990 que tais iniciativas melhor se estruturaram num campo acadêmico, a princípio liderado por oriundos da área de Educação Física, posteriormente por gente vinculada à História, em todos os momentos integrado por pesquisadores de várias origens disciplinares.

Certamente, tais encontros de diferentes perspectivas de investigação sempre tiveram em conta as características dos objetos de estudo, mas talvez isso tenha se dado por conta de algo menos epistemológico e mais contextual: éramos poucos e sentíamos algum preconceito com o tema no âmbito das ciências humanas e sociais; juntos, conseguimos nos fortalecer em um incrível movimento de colaboração e fraternidade³.

Naquele momento, todos nós bebemos da experiência da Antropologia do Esporte, que já estava em processo de estruturação em função

1 O diálogo com os estudos históricos apareceu pela primeira vez no GT de Antropologia dos Esportes na 23ª RBA (2002) por meio do trabalho de Luiz Carlos Ribeiro, *História e historiografia do futebol brasileiro*.

2 Boa parte das reflexões neste artigo apresentadas foram em outras ocasiões sistematizadas. Para mais informações, ver Melo *et al.* (2013).

3 Nesse ponto, gostaria de deixar minha homenagem a um dos pesquisadores que integrou esses primeiros momentos, o amigo Gilmar Mascarenhas, que nos deixou recentemente. Gilmar soube, como poucos, nos apresentar as lições da Geografia, na mesma medida em que incorporou em seus estudos os aportes advindos de outras áreas, especialmente da História e da Antropologia.

das contribuições de José Sérgio Leite Lopes e Simoni Lahud Guedes, bem como dos olhares de Roberto DaMatta, pesquisadores que, na década de 1970, pioneiramente se debruçaram sobre o futebol brasileiro a partir do arcabouço das Ciências Sociais. Da mesma forma, quando sentíamos um vazio de literatura, os estudos de Norbert Elias e Pierre Bourdieu nos serviram de porto seguro, por vezes seguro até demais, em certo momento chegando mesmo a "uniformizar" as investigações realizadas.

De toda forma, é inegável reconhecer que foram muitos os diálogos entre essas duas amigas e irmãs: História do Esporte e Antropologia do Esporte. Este artigo tem por intuito apresentar uma visão sobre tal encontro, articulando uma leitura teórica sobre o tema com a experiência pessoal de mais de 30 anos dedicados à investigação das práticas corporais.

A fim de facilitar a reflexão, o capítulo se divide em dois itens: a formação do campo acadêmico e a natureza do conhecimento. Na prática, ressalve-se, por certo é preciso considerar que são duas dimensões que a todo tempo estiveram articuladas.

A formação do campo acadêmico

No cenário internacional, a conformação do campo acadêmico da História do Esporte, cujos primórdios se encontram na transição dos anos 1960 e 1970⁴, é tributária da configuração da Nova História Cultural, proposta metodológica na qual se destacam os diálogos com a Antropologia. O fato chegou a chamar a atenção de Peter Burke, que citou o caso quando destaca o quanto as "práticas" passaram a ganhar relevância como tema de investigação histórica:

4 Em 1967 foi fundada a primeira sociedade internacional, o Internacional Comittee for History of Physical Education and Sport. Em 1973, uma nova associação é criada, a International Association for History of Physical Education and Sport. Em 1989, as duas se uniram dando origem à Internacional Society for History of Physical Education and Sport (Isheps). Nos Estados Unidos, os primeiros departamentos universitários ligados ao tema surgem nos anos 1960 e as primeiras conferências específicas são organizadas em 1971. Um grande impulso se deu com a criação da North American Society of Sport History (em 1972), que realizou sua primeira reunião anual em 1973 e desde 1974 é responsável pela edição do Journal of Sport History.

"Práticas" é um dos paradigmas da Nova História Cultural: a história das práticas religiosas e não da teologia, a história da fala e não da linguística, a história do experimento e não da teoria científica. Graças a essa virada em direção às práticas, a história do esporte, que antes era tema de amadores, tornou-se profissionalizada, um campo com suas próprias revistas, como *International Journal of History of Sport* (BURKE, 2005, p. 78).

A propósito, Burke lembra que Elias e Bourdieu, dois dos autores já citados como de grande influência nos primeiros momentos mais estruturados de investigação da história do esporte, foram também de grande importância nas definições dos rumos da História Cultural. Porém, eles não foram os únicos.

Outros nomes importantes para a Antropologia, mesmo que não *stricto sensu* originários da disciplina, tais como Michael Foucault e Mikhail Bakhtin, também influenciaram o campo de estudo. De fato, podemos argumentar que havia um trânsito de reflexões entre a Antropologia e a História que acaba por se manifestar na História Cultural e nas decorrentes "subdisciplinas" que emergiram com ela, entre as quais a História do Esporte⁵.

No cenário internacional, ainda que a História do Esporte seja uma filha da História Cultural, demorou algum tempo para se tornar mais usual o diálogo com a Antropologia. Explica-se isso pelo fato de que o primeiro relacionamento se deu com uma sociologia crítica do esporte que foi se definindo no pós-Segunda Grande Guerra e se tornou melhor materializada nos anos 1960, a partir da interlocução com o marxismo clássico ou com os teóricos da Escola de Frankfurt⁶.

Na transição para os anos 1980, o diálogo com a Antropologia se enfatizou até mesmo pela conformação de certas tendências historiográficas. Não só a História Cultural se tornou mais sólida e aceita⁷, como também se difundiram outras formas de conceber o marxismo (com destaque para

5 Para mais informações sobre autores influentes nos estudos do esporte, ver Giulianotti (2004, 2005).

6 Para mais informações, ver Edelman (1993).

7 Sobre o assunto, ver Burke (2005).

a obra de E. P. Thompson⁸ e Eric Hobsbawm) e distintas concepções do estudo da política (como proposto por René Remond⁹).

Perceba-se que dos investigadores citados por Roberta Park (1987), como pontos fulcrais da mudança no âmbito da História do Esporte, boa parte estabeleceu relações com autores do pensamento antropológico de alguma maneira: J. A. Mangan (História Cultural), Melvin Adelman (História Social), Donald Mrozek (História Intelectual), John MacAloon (Psico-história/Semiótica) e Bruce Haley (História Social e Cultural).

Há também que se ter em conta que, no decorrer da década de 1990, mais notadamente a partir dos anos 2000, influenciaram os historiadores do esporte perspectivas de investigação decorrentes dos Estudos Culturais, com destaque para os estudos de gênero e as teorias pós-coloniais. Uma vez mais foram intensos e produtivos os diálogos com a antropologia, obviamente tendo-se em conta a força que a ideia de cultura assumiu no quadro contemporâneo, algo do qual o esporte fez parte de forma denotada. Como sugere Cevasco (2003, p. 69):

A mecanização, a estandardização, a superespecialização e a divisão do trabalho, que antes determinavam apenas a esfera da produção de mercadorias nas fábricas, penetram agora em todos os setores da existência – da agricultura à recreação e, é claro, à produção cultural [...]. Nunca se produziu tanta cultura e nem tantos meios de comunicação diferentes como a partir dos anos 1960, e nem nunca ela foi tão claramente um produto feito e consumido para azeitar o funcionamento do sistema vigente.

No Brasil, o diálogo desde o início foi mais pronunciado. Como os estudos pioneiros melhor estruturados no formato acadêmico já demonstravam um denotado diálogo com a antropologia, foi esse o ponto de partida dos primeiros historiadores do esporte. Mais ainda, quando a História do Esporte começou a melhor se conformar já eram mais correntes os insights originários da História Cultural, das novas leituras do marxismo e da Nova História Política.

8 Para uma leitura de Thompson na sua relação com os temas afeitos à história do esporte, ver Melo (2010).

9 Para mais informações, ver Remond (2003).

Mais ainda, os pesquisadores da Antropologia do Esporte já estavam a estruturar iniciativas de melhor organização no âmbito da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs), bem como da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), e mesmo em sociedades internacionais, como no Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (Clacso), algo que serviu de inspiração para a criação dos primeiros grupos de trabalho dedicados à História do Esporte no âmbito da Associação Nacional de História (Anpuh), na seção nacional, mas também em muitas regionais¹⁰. Não surpreende saber, a propósito, que o número de trabalhos sobre a história do esporte cresceu nos âmbitos dos Simpósios Nacionais da Anpuh exatamente quando se tornaram mais claros nesses eventos os diálogos estabelecidos com a História Cultural, algo que teve relação com os avanços da pós-graduação no Brasil:

O ambiente intelectual ou mais propriamente ideológico que envolvia a produção historiográfica brasileira, cada vez mais atrelado à produção universitária, embarreirava ou bloqueava o diálogo com estas correntes que nem sequer eram novidades, pois estavam, algumas delas, plenamente consolidadas em seus centros originais. Foi com o avanço da pós-graduação, de um lado, e a crise do regime militar, de outro, que a pesquisa histórica no Brasil pouco a pouco se abriu a estes novos campos (VAINFAS, 2009, p. 228).

O que se deve destacar é que, para além dos diálogos teóricos e metodológicos, há laços de colaboração entre os historiadores e os antropólogos de esporte; constantemente estiveram juntos em iniciativas acadêmicas de: promoção de eventos, organização de livros e periódicos, palestras e bancas. Na verdade, o que se viu gestar, especialmente no Rio de Janeiro, foi um campo profícuo de investigadores dedicados aos Estudos do Esporte, algo que se exponenciou em 2010, devido ao tema ter entrado na ordem do dia em função de o Brasil ter sediado os mais importantes eventos esportivos mundiais.

¹⁰ Para mais informações, ver Melo (2016).

A natureza do conhecimento

Como já previamente apontando, um dos elementos que induziu a um maior diálogo entre os historiadores e os antropólogos do esporte foi a exacerbação da ideia de cultura no cenário mundial. O esporte tornou-se uma das mais populares manifestações em um cenário em que “o humanismo da mercadoria se encarrega dos lazeres e da humanidade, simplesmente porque agora a economia política pode e deve dominar essas esferas como economia política” (DEBORD, 1997, p. 31).

A prática se constituiu em poderosa representação de valores, sensibilidades e desejos que permeiam o ideário e o imaginário do século XX: a necessidade de superação de limites, o extremo de determinadas situações (comuns em um cenário em que a tensão e a violência foram notáveis), a valorização da tecnologia, a consolidação de identidades nacionais, a busca de uma emoção controlada, o exaltar de certo conceito de beleza (MELO, 2006).

Nesse cenário, pode-se perceber que, no decorrer das suas décadas de configuração, houve uma tendência de forjar uma história do esporte mais etnográfica, mais multilateral e multifocal, menos sustentada na perspectiva dos grandes acontecimentos e de heróis (que também passaram a ser encarados como representações), mais focada nas suas manifestações do cotidiano e na ação dos indivíduos.

Nesse processo, emergiram as preocupações com o simbólico, por vezes até mesmo de forma excessiva, relativamente abandonando-se as perspectivas da história social ou história econômica (algo que tem sido retomado recentemente). Estamos argumentando, portanto, que, mais do que diálogos com certos autores da antropologia, percebe-se uma maior proximidade metodológica, com as devidas ressalvas e particularidades, entre a História e a Antropologia do Esporte.

Em uma mediação estabelecida, em muitas ocasiões via questões de reflexão da História Cultural (mesmo quando as abordagens se dedicavam mais à História Política, algo que teve a ver com os já citados diálogos com a Nova História Política, ou mais à História Social, a partir das searas abertas pelas novas leituras do marxismo), é possível indagar: nesse processo, quais

foram os principais aportes conceituais/temáticos que aproximaram História e Antropologia do Esporte?

Um dos conceitos-chave que se deve ter em conta para responder a essa questão é o conceito de representação. Trata-se de uma noção central da História Cultural, muito utilizada nas últimas décadas, por vezes de forma apressada¹¹. Para Sandra Pesavento (2007):

A representação, no âmago de seu entendimento – “estar no lugar de” –, já apresenta em si uma condição basculante e de imprecisão, pois assinala uma relação ambivalente e ambígua entre ausência e presença. Ambivalente porque a representação é tanto exposição e presença quanto ausência e referência a um outro distante. É, pois, ser e não ser, ou, no limite, é ser ela mesma e ser um outro. E, neste ponto, revela-se a sua ambiguidade, ou seja, a insinuação de um deslizamento de sentido e de uma manifestação de uma terceira ideia/ser oculto. *Twilight zone*, sem dúvida, que joga com uma triade: o referente, a imagem e o significado. Ora, sendo o texto histórico representação, ele pretende trazer informações sobre uma realidade exterior. No caso, um referente que já não mais existe e que não pode ser sujeito à verificação. Isto passa a se tornar problema quando se tem em conta que a narrativa histórica é um tipo especial de representação, porque estabelece um pacto com a verdade (PESAVENTO, 2007, p. 3).

Usando um termo já consagrado por Roger Chartier (1990), tratar-se-ia de entender os nossos objetos entre as práticas e as representações. O historiador do esporte, ao estabelecer o diálogo com a antropologia, estaria interessado em entender como o fenômeno é mobilizado para os mais distintos fins, pelos mais diferentes agentes que ao seu redor interagem; que sinais, signos e símbolos são à manifestação esportiva atribuídos de acordo com as intencionalidades e desejos dos envolvidos.

Essa utilização do conceito nos estudos históricos do esporte se concretiza na investigação de vários temas, já levantados em livro por mim organizado em conjunto com João Santos, Mauricio Drummond e Rafael Fortes¹². Aqui os reproduzo na íntegra, com algumas poucas adaptações.

11 Para uma discussão sobre o uso do conceito na historiografia brasileira, ver Capelato e Dutra (2000).

12 Ver Melo *et al.* (2007).

Identities nacionais

Como o esporte tem sido mobilizado por diferentes agências de poder, não necessariamente governamentais, para a construção de representações de nacionalidade? Como isso nos permite refletir sobre as tensões políticas e os projetos de país em debate? De que maneira as competições internacionais e os atletas e equipes que delas participam são mobilizados em relação à identidade nacional?

Relações de grupos sociais

De que forma a performance dos esportistas – bem como a prática esportiva do dia a dia – envolve questões como as de gênero, etnia, raça, geração, religiosidade, migração? Que parâmetros de masculinidade e/ou feminilidade são reforçados e/ou contestados a partir de sua associação ao desempenho de indivíduos, grupos e modalidades? De que maneira o esporte funciona como uma arena para manifestações de racismo e homofobia e, ao mesmo tempo, como palco para a luta contra tais preconceitos? Como as situações de violência no âmbito esportivo ajudam a entender a violência social e vice-versa? Como as elites mobilizam práticas corporais de forma a construir símbolos de status e distinção? Como as classes sociais se apropriam do esporte, tanto como estratégia direta de contraposição quanto como forma de gestação de um modo de vida próprio?

Diálogos de linguagens

Como o esporte tem sido representado pelas diversas linguagens artísticas e como tal representação ajuda a entender a própria prática, a arte e um certo quadro social? Como se estabeleceram diálogos intersemióticos entre o esporte e outras linguagens?

Apropriações

Em que medida produções variadas – textos, crônicas, fotografias, artes plásticas, pôsteres, campanhas publicitárias, blogues, comunidades e fóruns de discussão na internet, pinturas em muros e ruas em época de Copa do Mundo, indumentária e, claro, esta instância privilegiada de construção de representações chamada jornalismo esportivo – dialogam e contribuem para as apropriações individuais e coletivas do esporte? E, inversa e dialogicamente, de que maneira essas apropriações e representações informam, constroem e tensionam as produções sobre o fenômeno esportivo?

Nesses estudos, são mobilizados vários conceitos oriundos da antropologia, em geral mediados pelas perspectivas da História Cultural. Mesmo as distintas adjetivações da cultura têm sido muito utilizadas pelos historiadores do esporte, noções como as de cultura de classe, subcultura, cultura popular, cultura política, cultura do consumo, entre outras. Em decorrência disso, há uma série de outros conceitos que têm se mostrado úteis, tais como: circularidade, discurso, estrutura de sentimentos, hegemonia, hibridismo, identidade, memória, mito, modernidade, polifonia, representação, ritual, simulacro, tradição inventada e tribo urbana.

Conceitos como os de construção, invenção e imaginação têm sido particularmente pertinentes nos estudos históricos do esporte em função da grande presença social do fenômeno, bem como de sua conexão com muitos outros temas da economia, da política e da cultura. Há que se ter em conta o fato de que lidamos com um tema muito transespacial e transtemporal. Percebe-se a estruturação do fenômeno (ou de fenômenos correlatos) em muitos distintos períodos históricos e espaços. Ele sempre atende a duas dimensões: uma base universal e uma leitura local, dimensão importante para entender sua peculiaridade e popularidade.

Historiadores do esporte se dedicam a desvelar a mobilização de símbolos que existem ao redor dessa grande presença do objeto. Em seus esforços, interpretam a produção de memórias e a construção de narrativas, algumas até mitológicas, não poucas vezes relacionadas à própria dinâmica de uma prática na qual algumas ideias são muito enfatizadas, por exemplo, heroísmo, entrega e superação.

Para prospectar a materialidade dessas representações, historiadores do esporte também dialogam com a antropologia no que tange às fontes a serem utilizadas. Como se desenvolve uma tentativa de uma história mais etnográfica, o desafio passa a ser buscar indícios que permitam melhor perceber o cotidiano. Se num primeiro momento, os documentos governamentais eram os mais usados, a partir das provocações da História Cultural descortinam-se suas limitações.

Assim sendo, na impossibilidade de um "trabalho de campo" à moda antropológica, o historiador se vale de outros recursos. Por exemplo, o uso de jornais e revistas permite acessar outras facetas do fenômeno, ainda mais tendo em conta que a prática ocupou espaço constante nos meios de comunicação desde o século XVIII.

A propósito, isso tem levado alguns pesquisadores a trabalhar com outras mídias, como rádio, televisão e cinema. Obviamente, não se considera uma fonte mais ou menos verdadeira do que outra, mas percebem-se as diferentes representações veiculadas em cada uma, sempre a partir do uso da crítica interna e externa de indícios, isso é, identificando a natureza e o perfil do emissor e do veículo, a expectativa de apreensão e, quando possível, o que não é muito fácil, a ressignificação por parte do público-alvo.

Tendo em conta os limites impostos, uma das estratégias tem sido trabalhar com a literatura ou com memórias, descortinando novas representações do esporte nesse material. Da mesma forma, documentos como processos policiais podem trazer uma certa visão sobre a prática não contida em outros tipos de documentação oficial. Enfim, as provocações da antropologia acabam por estabelecer como desafio a busca de outros indícios que nos permitam múltiplas aproximações com o tema.

Deve-se ainda ter em conta que essa perspectiva de investigação aproximou os historiadores do esporte de outros campos de pesquisa que foram melhor se delineando no âmbito das propostas da História Cultural. Pelo menos quatro grandes trilhas têm sido percorridas com frequência, com assuntos que merecem referência por serem também usualmente investigados na Antropologia e na Antropologia do Esporte:

Corpo

A reflexão sobre as mais distintas performances corporais e do trato do corpo no âmbito de nossos objetos de investigação (as práticas corporais institucionalizadas).

Política

A abordagem do esporte como valorosa representação das dimensões culturais da política, sejam de caráter macro – estruturadas em projetos de governo e/ou de Estado –, sejam de caráter micro – conformadas como mecanismo cotidiano. Destaca-se a tendência de tratar o tema não somente como imposição de um lado mais poderoso sobre outro mais fraco, mas também como negociação e resistência, sem negar os desníveis de poder.

Violência

Como a prática dramatiza padrões de permissão ou contenção de violência nos diferentes cenários, em tempos e espaços distintos.

Emoções

A construção de posturas públicas e privadas relacionadas a um objeto que sempre se estabeleceu como excitabilidade possível, ainda que muito regulada.

Esses são, na verdade, apenas alguns exemplos que bem ilustram como têm sido férteis, como procuramos demonstrar neste artigo, as aproximações entre a Antropologia do Esporte e a História do Esporte. Na verdade, destacamos as contribuições da primeira para a segunda, mas não temos dúvida de que também os estudos antropológicos ganharam muito com os

estudos históricos desenvolvidos. Amigas e irmãs, suas contribuições foram, são e oxalá seguirão sendo mútuas.

Referências

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CAPELATO, Maria Helena Rolim; DUTRA, Eliana. Representação política. O reconhecimento de um conceito na historiografia brasileira. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir (Orgs.). *Representações: contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas: Papyrus, 2000. p. 227-249.

CEVASCO, Maria Elisa. *Dez lições sobre estudos culturais*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

EDELMAN, Robert. Socialism and spectator sports (Marxism, sports, and popular culture – theoretical debates and approaches). In: EDELMAN, Robert. *Serious fun. A history of spectator sport in the URSS*. Nova York: Oxford University Press, 1993. p. 3-25.

GIULIANOTTI, Richard (Org.). *Sport and modern social theorists*. New York: Palgrave Macmillan, 2004.

GIULIANOTTI, Richard. *Sport: a critical sociology*. Cambridge: Polity, 2005.

MELO, Victor Andrade de. *Cinema e esporte: diálogos*. Rio de Janeiro: Aeroplano/Faperj, 2006.

MELO, Victor Andrade de et al. *Pesquisa Histórica e História do Esporte*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

MELO, Victor Andrade de. Lazer, modernidade, capitalismo: um olhar a partir da obra de Edward Palmer Thompson. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 45, p. 5-26, jun. 2010.

MELO, Victor Andrade de. O trato do esporte nos simpósios da Associação Nacional de História (ANPUH). *Recorde: Revista de História do Esporte*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 1-17, jun. 2016.

PARK, Roberta J. Sport History in the 1990s: Prospects and problems. In: SAFRIT, Margaret J.; ECKERT, Helen M. *The cutting edge in Physical Education and exercise science research*. Champaign: Human Kinetics, 1987. p. 96-108.

PESAVENTO, Sandra. Apresentação do dossiê História Cultural e multidisciplinaridade. *Fênix: Revista de História e Estudos Culturais*, Uberlândia, v. 4, n. 4, p. 1-5, out./dez. 2007.

REMOND, René (Org.). *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

VAINFAS, Ronaldo. História cultural e historiografia brasileira. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 50, p. 217-235, jan./jun. 2009.